

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Entre a doença oncológica e o transtorno psíquico: a travessia do duplo adoecer na adolescência**

Laura Ciaramello Vieira
Marina Guitti de Souza
Daniela Ceron-Litvoc
Eloisa Helena Rubello
Valler Celeri

Esta apresentação propõe uma reflexão sobre as particularidades da experiência do duplo adoecimento — oncológico e psíquico — durante a adolescência. Para dar voz a essa vivência, relataremos a trajetória de uma adolescente que realiza tratamento oncológico. Com base na escuta clínica, articulada com a literatura de pesquisas qualitativas sobre a vivência do adoecimento nessa população, será desenvolvida uma discussão de inspiração fenomenológica, à luz da experiência vivida.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento marcada por desproporções estruturais – com uma abertura vertiginosa para o futuro e para as relações interpessoais. O adoecimento oncológico nessa fase constitui mecanismos específicos na operação da forma de vivenciar a adolescência. Enquanto na saúde o corpo costuma ser vivido de forma transparente, o corpo adoecido deixa de ser um meio silencioso de estar no mundo e torna-se um intermediário reflexivo da experiência vivida.

A perda de transparência do corpo na doença talvez se perca por duas vias. A primeira decorre da própria concretude da experiência vivida: diante dos desconfortos da doença e de seu tratamento, o corpo deixa de ser apenas ponto de partida e emerge como obstáculo. A segunda via relaciona-se ao impacto das mudanças na aparência física – em especial a queda de cabelo –, quando o olhar do outro se impõe de forma totalizante, de forma a submergir a subjetividade própria.

Considerando que a adolescência é uma fase marcada por intensa auto-observação da própria imagem, as transformações no corpo assumem uma relevância ainda mais proeminente. A alteração da imagem corporal pode se configurar como um dos principais obstáculos nas relações interpessoais, sobretudo quando somada ao abismo entre a narrativa de vida do adolescente adoecido e a experiência vivida por seus pares.

Enquanto a intersubjetividade do adolescente é marcada por busca por semelhantes, o adoecimento compromete a possibilidade de compartilhamento de narrativas, reduzindo a espontaneidade e a naturalidade da relação intersubjetiva.

As incertezas do curso da doença oncológica também provocam uma mudança na dimensão temporal do mundo, com uma redução na protensão típica do adolescente. Temos, portanto, transformações em pilares estruturantes da vivência do adolescente, com uma perda da familiaridade corporal e redução tanto na expansão em direção ao coletivo quanto na abertura ao futuro. Dessa forma, ainda que o adoecimento oncológico não constitua, por si só, um transtorno psíquico, ele configura uma mudança na forma do adolescente estar no mundo, com uma perda de familiaridade com o mundo até então vivenciado.

Na presença de um transtorno psiquiátrico, as desproporções estruturais se intensificam, para além das alterações já impostas pelo adoecimento oncológico. O quadro depressivo amplifica essas transformações, instaurando uma profunda desarmonia na intersubjetividade, caracterizada por uma intensificação no isolamento nas relações interpessoais. O corpo, que já apresentava uma redução de sua transparência, passa a ser sentido como um peso que restringe os movimentos em direção ao mundo. Consequentemente, a capacidade de protensão torna-se ainda mais limitada. Enquanto na ausência de um atravessamento psiquiátrico ainda existe a possibilidade de experimentar momentos de transparência corporal e de lampejos de abertura para o futuro, na fratura patológica observa-se uma restrição drástica dos movimentos existenciais.

Palavras-chave: Adolescência; Câncer; Fenomenologia; Experiência vivida.